



## O radiojornalismo em FM: uma análise do Jornal da Universitária<sup>1</sup>

Mariana Lazari da Silva e SILVA<sup>2</sup>  
Vicente Gregório Olsen M. do AMARAL<sup>3</sup>  
Andrea Pinheiro Paiva CAVALCANTE<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o Jornal da Universitária, radiojornal diário da Rádio Universitária FM de Fortaleza, emissora vinculada à Universidade Federal do Ceará – UFC. O programa vai ao ar em duas edições diárias, de segunda à sexta-feira. Neste texto são consideradas a estrutura, a linguagem, o conteúdo e a forma como as notícias são produzidas e apresentadas no programa. Observando essa realidade e partindo de conceitos que discutem as técnicas do radiojornalismo, refletimos de forma crítica sobre questões relacionadas ao processo de produção da notícia, as características do veículo e da informação radiofônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; radiojornalismo; radiojornal; Jornal da Universitária; Rádio Universitária FM.

### Introdução

Jornalismo no rádio FM fortalezense é algo raro. A maioria das emissoras está focada em programação musical, reservando ao jornalismo um espaço mínimo. Isso faz com que o caráter do rádio enquanto meio informativo se perca. Quando o rádio se popularizou e diversas emissoras nasceram no Brasil, era através dele que as pessoas conheciam o mundo, se informavam e se divertiam. Os profissionais da época se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º Semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: lazarimariana@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º Semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: vicenteolsen@gmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal do Ceará, e-mail: andrea@virtual.ufc.br



esforçavam no entendimento de complexos equipamentos para conseguir aproximar os ouvintes do que estava acontecendo.

Com o desenvolvimento tecnológico, os profissionais, de certa forma, se acomodaram. As agências de notícias e, posteriormente, a velocidade da Internet fizeram o jornalista ficar embasado na produção desses e de outros meios, deixando de apurar os fatos e noticiar aquilo que não tem espaço nos demais meios de comunicação. A exigência de rapidez do jornalismo – principalmente o *online* – faz com que todos divulguem as mesmas notícias. Mas, e no rádio? Como está a produção jornalística nessa mídia?

A Rádio Universitária FM é uma das poucas emissoras de Fortaleza com programação de jornalismo, tendo redação com vários jornalistas que produzem radiojornais diários e programas de caráter informativo. Nesse artigo, analisaremos a produção de conteúdos para o *Jornal da Universitária – 1ª edição e 2ª edição* relacionada ao fato de a Rádio ser uma emissora pública e ser a única de Fortaleza ligada a uma instituição de ensino. Será que essa característica da Rádio faz com que os programas jornalísticos produzidos sejam diferentes? Se forem, em quais aspectos eles se diferenciam? Faremos uma análise da produção jornalística observando a estrutura, a linguagem e o conteúdo das duas edições do principal radiojornal da emissora: o *Jornal da Universitária*.

### **A Rádio Universitária FM e o espaço para o radiojornalismo**

A Rádio Universitária FM, 107,9 – RUFM – foi inaugurada no dia 15 de outubro de 1981 como um dos mais importantes projetos do então reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto. Com caráter educativo e espaço para divulgação da cultura e da produção científica de Fortaleza, a Rádio ganhou respeito e credibilidade que ultrapassaram os muros da Universidade Federal do Ceará, à qual está vinculada. Destacando-se pela programação musical empenhada na divulgação da cultura popular brasileira e de seus artistas, a Rádio é conhecida por seus programas tradicionais de música, como o *Reouvindo o Nordeste* e o *Brasil em Todos os Tempos*.

Além da programação musical e diferente da maioria das emissoras FMs de Fortaleza, que valorizam a programação musical e não têm espaço para a produção



jornalística – utilizando, muitas vezes, as notícias dos jornais impressos na produção de *drops* com informações para cumprir a lei que determina que todas as rádios em frequência modulada devem ter 5% da programação de conteúdo jornalístico –, a RUFM valoriza o conteúdo informativo, possuindo redação com jornalistas concursados e bolsistas do Curso de Comunicação Social da UFC, que produzem material jornalístico para os radiojornais da emissora. No começo, havia três: *Almanaque*, *Meio-dia de Notícias*, *Jornal da Noite* e o *Centro de Debates*, que ia ao ar aos domingos; além de noticiários de três minutos, de hora em hora, com atividades de reportagem externa.

Atualmente, a produção jornalística da Rádio aparece em três momentos na programação: pela manhã, com os programas *Rádio Livre* e *Rádio Bancários*, produzidos fora da Rádio; no final da manhã, com o *Jornal da Universitária – 1ª edição*; e no começo da noite, com o *Jornal da Universitária – 2ª edição*. Além disso, há boletins de notícias durante a programação, sempre de hora em hora.

### **A notícia no rádio**

A notícia é o principal produto jornalístico. Em qualquer meio de comunicação, o jornalista deve querer, antes de tudo, informar. A forma como o texto dessa notícia é construída é o que se altera de um meio de comunicação para outro. Na Internet, por exemplo, os textos devem ser concisos e breves, já que a maioria dos usuários não passa muito tempo lendo em frente ao computador. No rádio, a preocupação com o formato das notícias deve ser ainda maior “en función de sus características propias, de su especificidad. Ellas precisan un estilo y una metodología distintos de los que se aplican en un periódico, en una revista, la televisión o el cine” (HAYE, 1995). Por isso, como a mensagem do rádio é “passageira” (PORCHAT, 1993), é necessário que o comunicador se preocupe com a estrutura textual e com a sonoridade das palavras e seu real sentido, já que o público terá uma única oportunidade de acesso àquelas informações.

Isso determina que haja uma construção do enunciado com “uma extrema simplificação sintática e semântica, com frases curtas em ordem direta, contendo preferencialmente uma única ideia, expressa com precisão e clareza tais que neutralizem qualquer ambiguidade”. (MEDITSCH, 2001). Além disso, é preciso estar atento à heterogeneidade da audiência do rádio, principal interessada na compreensão do conteúdo informado. Por isso, o importante, como define José Ignacio López Vigil em



seu *Manual urgente para radialistas apaixonados*, é lembrar “que o rádio fala como o povo fala” (2003). Complementamos afirmando que o rádio deve falar *para* o povo, e por isso é essencial a utilização de sua linguagem. Assim, apesar de a produção jornalística estar, cada vez mais, atrelada a um processo industrial, onde a rapidez é essencial, produzir sem se preocupar com os detalhes da técnica e com as características de cada meio, descaracterizaria o processo jornalístico.

Preocupar-se com a união do texto aos sons é outra necessidade do jornalismo radiofônico, já que é somente com a audição que a pessoa passará a se interessar pela notícia e poderá se informar. Por isso, no momento de construir o texto para rádio, o jornalista deve ter em mente que “a seletividade do ouvido apaga imediatamente da consciência tudo o que não é relevante” (MEDITSCH, 2001), obrigando, assim, “o texto do rádio a utilizar mecanismos de reiteração, tanto em relação a seu conteúdo global quanto em relação a sintagmas que, num texto escrito, não necessitariam ser referidos mais de uma vez” (IDEM).

Como afirmam Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, há normas universais para a escrita de um bom texto jornalístico. Porém no rádio, a mensagem “se ‘dissolve’ no momento em que é levada ao ar”, devendo, por isso, “ser coloquial” (2002), além de ter clareza, concisão, simplicidade, objetividade e ser direta, para evitar, assim, possíveis erros na comunicação, os ruídos. Como não há imagens nesse meio, o texto radiofônico “demanda uma linguagem mais do que clara, para que o ouvinte ‘veja’ através das palavras” (PORCHAT, 1993). Assim, o jornalista deve “pintar com palavras” (VIGIL, 2003), escrevendo com termos concretos, que criem imagens na mente de quem os escuta.

Há também o tom pessoal dessa mídia, pois

“o locutor fala diretamente para o ouvinte. É muito importante considerar cada ouvinte como se fosse uma única pessoa. Quando você fala no rádio, você não está falando para as massas por meio de um gigantesco sistema de transmissão de mensagens. Você está falando para *uma* pessoa” (CHANDLER e HARRIS, 1998, p. 21)

Assim, pensar no sentido daquela mensagem deve ser uma preocupação desde o momento da escrita do texto até – e principalmente – o momento da locução, já que no rádio, a voz também é informação.



O jornalismo de rádio precisa transformar em linguagem sonora, informações que, normalmente, estão escritas. Segundo Eduardo Meditsch, no início “os hábitos e convenções da página impressa são transferidos para o novo meio da maneira mais literal possível” (2001). O radiojornal – “programa jornalístico que se caracteriza por reunir várias formas informativas” (FERRARETTO, 2000) – era, simplesmente, um jornal falado, sem haver preocupação com a construção de uma linguagem própria para o rádio. Atualmente, com a evolução das mídias, os radiojornais devem ser estruturados a partir da conexão de textos e sons, deixando de lado a simplicidade da leitura do texto em voz alta. O jornalismo radiofônico não deve ser pensado como a transposição de textos escritos para textos falados, mas, e principalmente, como um meio que demanda técnicas específicas de formatação e que possibilita velocidade de acesso a informações.

Neste texto, a intenção é fazer uma análise da produção de notícia nos programas *Jornal da Universitária – 1ª edição* e *2ª edição*, com ênfase na estrutura, linguagem e conteúdo dos noticiosos. Esse exercício foi feito a partir da escuta minuciosa de aproximadamente 15 edições dos programas nos meses de maio e junho de 2009, além do acompanhamento do processo de produção de notícias, através de entrevistas com os jornalistas da equipe dos radiojornais.

### **O Jornal da Universitária**

A primeira e a segunda edição do *Jornal da Universitária* são os principais programas jornalísticos da RUFM. Apesar de a emissora ter outros programas noticiosos e espaços para a informação jornalística em sua programação, os dois jornais possuem equipes de produção formadas por jornalistas e radialistas profissionais, funcionários concursados da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, a FCPC, e apresentam notícias, reportagens e entrevistas que tratam de temáticas diversas.

A 1ª edição do *Jornal da Universitária* possui 30 minutos de duração e é apresentada de segunda à sexta-feira, às 11 horas, por Geraldo Pessoa D’Oliveira Filho e Vânia Maria Magalhães Tajra, sendo produzido pelos jornalistas Eriberto Vieira Sales, Márcia Maria de Oliveira Vieira, Fernando Jocelito Reinaldo e pela jornalista apresentadora. Diariamente, são apresentadas notícias factuais, reportagens e entrevistas.



A 2ª edição diária do Jornal da Universitária vai ao ar às 18 horas e tem 10 minutos de duração, sendo composta, geralmente, por 12 notícias. De acordo com informações da jornalista Lúcia Helena Arraes de Alencar Pierre, uma das produtoras do Jornal, os três blocos do programa têm as seguintes temáticas: primeiro bloco – notícias sobre o Brasil e o mundo; segundo bloco – notícias nacionais e do Ceará; terceiro bloco – notícias sobre a Universidade Federal do Ceará e chamadas para eventos que acontecerão no dia seguinte. A equipe de produção é composta pelos jornalistas Carlos Augusto, Lúcia Helena Arraes de Alencar Pierre e Maria de Fátima Gonçalves Leite. Como acontece na edição da manhã, não há repórteres para coberturas externas cotidianas, e os textos das notícias também são escritos com base em informações produzidas por outros meios. Ou seja, há um simples “empacotamento” de informações, adequando-as à linguagem radiofônica.

Como possui um grande espaço na programação da Rádio, a 1ª edição do Jornal possibilita a discussão de diversos assuntos em profundidade. Exemplo disso é a existência de uma entrevista e uma reportagem, havendo, inclusive, séries com reportagens especiais. Na 1ª edição do Jornal do dia 13 de maio de 2009, por exemplo, houve a transmissão da primeira parte de uma reportagem especial sobre o Ano Internacional da Astronomia, com entrevista gravada com um professor da área e texto lido pelos apresentadores.

A produção dos dois jornais é realizada em conjunto pelos jornalistas envolvidos. Em entrevista, o jornalista Fernando Jocelito elucidou o caráter coletivo da redação: eles mesmos coletam, redigem, editam e apresentam as notícias, matérias e entrevistas. Podemos, assim, caracterizar a redação do *Jornal da Universitária* como peculiar e democrática, já que não há uma hierarquia na redação. Porém, é importante destacar que a produção do *Jornal da Universitária* acontece dentro da própria rádio: não há uma equipe para reportagens externas, que investigue fatos que podem ser notícia ou cumpra pautas. A única exceção é quando há algum acontecimento ou promoção de evento vinculado à Universidade. Nesses casos, uma equipe sai para +.apurar as informações e produzir as matérias. Normalmente, as notícias do Jornal são elaboradas através da consulta a sites na Internet, releases, canais de TV, agências de notícias e assessorias de comunicação vinculadas às repartições da UFC.



O jornalismo radiofônico da emissora está condicionado, dessa forma, a informações produzidas por outros meios, perdendo seu caráter dinâmico e imediato. Assim, apesar de a redação do programa ser um espaço democrático, os jornalistas responsáveis estão “presos” a certos conteúdos e formatos, fazendo com que o jornalismo da Rádio Universitária FM possa ser classificado como conservador.

Dentre as limitações da equipe de produção, podemos observar a falta de certos recursos para auxiliar na apuração de informações, como um veículo, que facilitaria o deslocamento nas coberturas externas do Jornal. Porém, acredita-se que os jornalistas envolvidos nas duas edições do Jornal já estão tão acostumados com o processo de produção “industrial”, baseado em conteúdos “pré-produzidos”, que não é a falta de um veículo o fator responsável por uma produção noticiosa restrita.

Poucas emissoras têm uma equipe tão grande para fazer duas edições diárias de um jornal. E, mesmo assim, não se pensa um novo formato para o radiojornal e nem se produz fugindo dos padrões do rádio, fazendo tentativas. A Rádio Universitária FM possui diversos programas que experimentam formatos e ideias – como o *Todos os sentidos*, um programa que discute a acessibilidade e os direitos dos deficientes, e o *Sem fronteiras*, no qual várias temáticas são discutidas envolvidas em poesia e música -, mas não pensa um novo formato para seus radiojornais.

A escolha das notícias de cada edição é feita pelos jornalistas da equipe, sem que haja uma reunião de pauta diária. Como os profissionais envolvidos “fazem tudo”, parafraseando o jornalista Fernando Jocelito, as informações transmitidas priorizam temas como o cotidiano da UFC e sua produção acadêmica, os eventos e cursos que a população pode participar e os acontecimentos da cidade de Fortaleza e do interior do Ceará. Há também espaço para notícias relacionadas à política, ao meio ambiente e à economia do Brasil e do Mundo, aproximando o ouvinte dos acontecimentos diários.

Já na 2ª edição do Jornal, a estrutura do programa é feita pelos jornalistas produtores de acordo com a linha editorial do Jornal e da emissora – uma rádio de caráter educativo, vinculada a uma Universidade. Por isso, há predileção por notícias sobre educação, minorias sociais e direitos humanos, sendo deixadas de lado notícias sobre violência, como afirmou em entrevista a jornalista Lúcia Helena Arraes de



Alencar Pierre. A escolha se deve, principalmente, à preferência dos produtores do programa.

A apresentação da 1ª edição do *Jornal da Universitária* é dinâmica por ter dois locutores, um homem e uma mulher. A leitura das notícias é dividida entre eles, dando um ritmo ao programa. Segundo Eduardo Medtisch,

“na informação jornalística, o jogo de vozes não serve apenas para estabelecer um ritmo que ajude a manter a atenção do ouvinte, embora esta seja sua intenção principal. A intercalação também sinaliza mudanças de assunto e de procedência das notícias; os diversos timbres e situações acústicas informam sobre a identidade e o contexto dos falantes” (MEDITSCH, 2001, p. 188).

No *Jornal da Universitária – 1ª edição*, nem sempre essa alternância deixa claro para o ouvinte o fim de uma notícia e o início de outra. Algumas vezes, os apresentadores não fazem entonações diferenciadas, provocando certa confusão auditiva.

O programa possui uma reportagem diária, com conteúdo aprofundado e entrevistas gravadas. A reportagem pode ser também produzida por outra equipe jornalística. No *Jornal* do dia 18 de junho de 2009, por exemplo, a matéria era uma produção da Agência Rádio Web, de Brasília/DF. Após a transmissão da reportagem, entrevistas gravadas por telefone com pessoas de Fortaleza falando sobre o mesmo tema – o fim da exigência do diploma de Jornalismo para exercício da profissão – foram transmitidas. Percebeu-se, nessa ocasião específica, a redundância da linguagem radiofônica: a jornalista apresentava o entrevistado e comentava brevemente o que ele iria afirmar em sua fala. A opinião, assim, perdia um pouco de sua importância, já que o ouvinte a conhecia antes mesmo do entrevistado se pronunciar.

A sonoridade do programa é caracterizada por diversas vinhetas que indicam o início e o término do noticiário, além das mudanças de bloco. Quando há a transmissão da previsão do tempo, por exemplo, há uso de uma vinheta. O *Jornal da Universitária – 2ª edição* é um resumo rápido de notícias e, talvez por isso, possui uma estrutura com recursos sonoros simples. Durante a abertura do programa e divulgação das manchetes do dia, há um som no *background* que se encerra logo que começa o noticiário. O programa é dividido em três blocos que são separados por uma vinheta. Cada bloco do





*Jornal da Universitária – 2ª edição* se inicia com o anúncio da hora e o toque de uma vinheta.

Todas as notícias são lidas pela apresentadora, havendo também entrevistas gravadas. O Jornal traz ainda a previsão do tempo do dia seguinte, apresentada pela jornalista Marília Rabelo; o quadro é anunciado pela apresentadora e é separado por vinheta, tendo uma identidade, já que há mudança de voz e separação dos demais conteúdos. As notícias são lidas de forma contínua, sem separação por efeitos sonoros.

O *Jornal da Universitária – 1ª edição* normalmente começa com notícias nacionais e internacionais. O programa, por ter 30 minutos de duração, pode se aprofundar nos conteúdos, possuindo reportagens, entrevistas – gravada e ao vivo – e diversas notas e notícias sobre a UFC. A maioria das notícias é lida pelos apresentadores e, apesar disso o jogo de vozes do *Jornal da Universitária – 1ª edição* acaba sendo cansativo, fazendo o ouvinte sentir falta de repórteres, já que as vozes diferentes são apenas as dos entrevistados.

Ao contrário do que Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo Lima afirmam ser o ideal para os jornais de rádio – “devem estar à frente de outros veículos” (2002) – as duas edições do *Jornal da Universitária* utilizam a velocidade da produção jornalística feita para a Internet na montagem dos programas. Assim, o potencial do rádio enquanto meio que alcança 96% do território brasileiro (JUNG, 2004) se perde na construção de um jornal com notícias não apuradas. Milton Jung afirma, em seu livro *Jornalismo de Rádio*, que é “falta de ética” reproduzir notícias sem a devida apuração. Não queremos aqui questionar a ética dos jornalistas da Rádio Universitária, mas afirmar que o potencial do rádio enquanto meio abrangente e de fácil acesso se perde quando a cobertura jornalística dos fatos é superficial e embasada em textos de outros jornalistas. A cobertura e a investigação são essenciais na produção de notícias e transmissão de informações, evidenciando inclusive a linha editorial do veículo.

Em relação ao público ouvinte, os jornalistas entrevistados concordam que a RUFM possui um caráter diferenciado, já que é uma emissora pública, ligada a uma Universidade. Apesar da pesquisa de público estar em fase de conclusão, e por isso ainda não há dados sobre a audiência da emissora, os produtores do jornal analisado afirmam que o objetivo é fazer o jornal se popularizar, mas sem perder a qualidade e a



profundidade da abordagem dos temas, características que o Jornal possui, provavelmente, por ser uma produção de uma emissora pública.

### **Considerações finais**

O jornalismo radiofônico possui complexidades específicas. Estrutura textual simples e concisa, escolha de palavras facilmente compreensíveis, postura vocal do locutor, linguagem e formatação sonora, enfim, a produção do radiojornalismo deve ser pensada além do texto.

A relação jornalista/ouvinte é pessoal, direta. Apesar de não ser uma troca de informações, no rádio, a voz do ouvinte, sua participação e opinião, podem ser ouvidas com maior frequência do que na imprensa e na televisão, onde esses espaços, apesar de crescentes, são reduzidos. No rádio, através de uma ligação telefônica, qualquer um pode contribuir com a programação e conteúdo dos programas. Além disso, o jornalista/locutor estabelece uma relação de cumplicidade e proximidade com seu público, que se sente amigo daquele radialista. Por isso ressalta-se o caráter democrático desse meio de comunicação e a preocupação que se deve ter ao usá-lo para informar.

O jornalismo da Rádio Universitária FM pretende ser espaço para minorias, para notícias não-recorrentes em jornais impressos e televisivos, para discussões. Porém, ao usar como fonte, na maioria das vezes, outros meios, como a Internet, os programas da emissora ficam presos a notícias já amplamente discutidas. Apesar de haver espaço para notícias dos trabalhadores, além de notícias da UFC, o conteúdo dos radiojornais está preso a produções de outras mídias, que prezam pelas informações de amplo alcance social.

O Jornal da Universitária, tanto na 1ª quanto na 2ª edição, é espaço para notícia no rádio. Porém, a falta de apuração do conteúdo e a reduzida produção diária fazem com que o Jornal perca seu sentido. Não está sendo feito jornalismo de rádio – apesar de haver preocupação com o formato. Faz-se uma transposição de conteúdos da Internet, de releases e da TV para o rádio. Todo radiojornal deve ter repórter que “vai a campo” cobrir notícias factuais, descobrir o que está acontecendo na cidade, e informar. E o Jornal da Universitária não possui equipe que atue dessa maneira.



A UFC possui site<sup>5</sup> na Internet e jornal impresso, espaços para divulgação de seus eventos, cursos e palestras. Na Rádio poderia existir algum programa específico para informar sobre o que está acontecendo na Instituição. A Rádio Universitária FM tem um site<sup>6</sup> através do qual é possível ouvir a programação da emissora ao vivo, de qualquer lugar do mundo. Restringir o conteúdo do Jornal da Universitária a notícias amplamente divulgadas ou notícias que interessam apenas à comunidade acadêmica, é diminuir a importância do radiojornal, que poderia noticiar mais os fatos da cidade de Fortaleza, deixando o noticiário nacional e internacional para os demais veículos. O rádio é um meio de fácil acesso e facilmente transportável – principalmente com o advento dos *mp3 players*. Por isso, pensar o jornalismo radiofônico é pensar os aspectos do rádio e a importância desse veículo para informar sobre o “agora”.

### Referências bibliográficas:

- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**, São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.
- HAYE, Ricardo M. **Hacia una nueva radio**, Argentina: Paidós, 1995.
- JOCELITO, Fernando. Entrevista concedida a Vicente Gregório Olsen M. do Amaral no dia 18 de junho de 2009.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto: 2004. Acessado na versão online disponível em: <http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=cf6emT38FlkC&oi=fnd&pg=PA11&dq=jornalismo+radio&ots=Hu2Fb39jmg&sig=e5rSqndofAc2upGL9jIWzUQ1QA8#PPA24,M2> – Acesso em: 16/06/2009
- MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**, Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.
- PIERRE, Lúcia Helena Arraes de Alencar. Entrevista concedida a Mariana Lazari da Silva e Silva e Vicente Gregório Olsen M. do Amaral no dia 16 de junho de 2009.
- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo (Jovem Pan)**. São Paulo: Ática, 1993.

---

<sup>5</sup> www.ufc.br

<sup>6</sup> www.radiouniversitariafm.com.br